

“A Céu Aberto” - Paisagens de Serra Pelada representadas na obra de Airton de Souza: Outono de Carne Estranha

"Beneath the Infinite Sky" - The Serra Pelada Landscapes in Airton de Souza's Autumn of Strange Flesh

*Gleys Ially Ramos*¹

 <https://orcid.org/0000-0001-6471-7172>

*Juliete Oliveira*²

*Maria Ecilene Nunes da Silva*³

 <https://orcid.org/0000-0003-3071-3098>

Resumo

O romance "Outono de Carne Estranha", de Airton Souza, nos transporta para o coração do maior garimpo a céu aberto do mundo: Serra Pelada. Nos anos 1980, essa cratera gigante no Pará atraiu milhares de pessoas em busca da fortuna do ouro, transformando a região em um verdadeiro formigueiro humano. A obra de Souza, ambientada nesse contexto caótico, acompanha as vidas de Zuza e Manel, dois garimpeiros que buscam não só o ouro, mas também um refúgio da solidão e um escape da realidade cruel. A relação homoafetiva entre eles desafia os tabus de uma época marcada pela violência e pela intolerância. Além do drama pessoal dos personagens, o romance também explora a dimensão espiritual da tragédia de Serra Pelada. Zacarias, um padre em crise, questiona sua fé diante da miséria e da violência que testemunha, adicionando uma camada de complexidade à narrativa e convidando o leitor a refletir sobre o papel da religião em um espaço marcado pela desigualdade. A obra de Souza, ao retratar as paisagens desoladas de Serra Pelada, as condições precárias de trabalho e a devastação ambiental, nos convida a uma profunda reflexão sobre os impactos sociais e ambientais da busca desenfreada por riquezas. O romance, ao mesclar ficção e realidade, transforma Serra Pelada em um símbolo atemporal da ganância humana e da fragilidade da natureza ampliando nossas imaginações espaciais.

Palavras-Chave: Paisagem topocídica; Serra Pelada; Literatura; Outono.

Abstract

"Autumn of Strange Flesh," by Airton Souza, transports us to the heart of the world's largest open-pit gold mine: Serra Pelada. In the 1980s, this giant crater in Pará attracted thousands of people seeking gold fortune, transforming the

¹ Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Goiás, Professora da Universidade Federal do Tocantins, gleys.ramos@uft.edu.br

² Formada em Letras, Bolsita na Fundação Escola Pública de Saúde de Palmas, juliete.oliveira@gmail.com

³ Doutora em Ciências pela Universidade Federal do Pará, Professora da Universidade Federal do Tocantins, mariaecilene@yahoo.com.br

region into a veritable human anthill. Souza's work, set in this chaotic context, follows the lives of Zuza and Manel, two miners seeking not only gold but also refuge from loneliness and an escape from a cruel reality. Their same-sex relationship challenges the taboos of a time marked by violence and intolerance. Beyond the personal drama of the characters, the novel also explores the spiritual dimension of the Serra Pelada tragedy. Zacarias, a priest in crisis, questions his faith in the face of the misery and violence he witnesses, adding a layer of complexity to the narrative and inviting the reader to reflect on the role of religion in a space marked by inequality. By portraying the desolate landscapes of Serra Pelada, the precarious working conditions, and the environmental devastation, Souza's work invites us to deeply reflect on the social and environmental impacts of the relentless pursuit of wealth. The novel, by blending fiction and reality, transforms Serra Pelada into a timeless symbol of human greed and the fragility of nature, expanding our spatial imaginations.

Keywords: Topocidal landscape; Serra Pelada; Literature; Autumn.

Introdução

A Serra Pelada será uma floresta só de terra.
(Souza, 2023, p. 152).

O garimpo de ouro de Serra Pelada é o mais espetacular do qual se tem conhecimento na história do Brasil, quiçá de todo o planeta (Costa, 1996). Situado na região Norte do Brasil, sudeste do estado do Pará (região de Carajás) no atual município de Curionópolis, a 88 km da cidade de Marabá (Figura 1).

Figura 1: Localização geográfica do atual município de Curionópolis/ Serra Pelada



Fonte: adaptada da internet pelas autoras. S/d

O local de exploração foi aberto após a descoberta de ouro na Fazenda Três Barras em 1979. As promessas de enriquecimento fácil por meio da extração de ouro, atraíram milhares de pessoas que invadiram e rapidamente fizeram do local o maior garimpo a céu aberto do mundo, chegando a receber cerca de 100 mil garimpeiros, que extraíram mais de 42 toneladas de ouro em uma década ao longo de seus 12 anos de atividade (IBRAM, 2010).

Esses trabalhadores, no entanto, encontraram condições precárias de trabalho, jornadas exaustivas e insalubres, e baixo retorno financeiro para a grande maioria. A exploração em Serra Pelada atingiu seu ápice em 1983, com a extração de cerca de 14 toneladas de ouro, neste mesmo ano foi extraída a maior pepita pesando 63.300 g. Milhares de trabalhadores, denominados de "formigas", removeram toneladas de solos e rocha utilizando apenas força braçal e técnicas rudimentares. A ausência de tecnologia moderna e a busca desenfreada por ouro resultaram em uma cratera gigante, com cerca de 200 metros de profundidade, que hoje se encontra alagada como é possível observar na Figura 2.

Figura 2: Antiga cava de Serra Pelada hoje transformada em lago



Fonte: Correio dos Carajás. S/d

A desordem e a violência marcaram o período áureo de Serra Pelada. Para tentar controlar a situação, o governo federal enviou o tenente-coronel Sebastião Rodrigues de Moura, vulgo Major Curió, para a região, que proibiu a entrada de mulheres, bebidas alcoólicas e o uso de armas. Essa medida, embora controversa, visava estabelecer alguma ordem em meio ao caos. A cidade de Curionópolis surgiu nesse contexto, abrigando aqueles que não podiam entrar no garimpo.

Com a drástica redução das reservas de ouro, a produção em Serra Pelada entrou em declínio a partir da década de 1990. Em 1992, o garimpo foi oficialmente fechado pelo governo federal. O encerramento da atividade garimpeira não apagou as marcas deixadas na região. Os impactos ambientais

foram significativos, com a contaminação do solo e das águas por mercúrio e outros produtos químicos utilizados na extração do ouro.

Dado o contexto histórico do garimpo de Serra Pelada, o objetivo deste estudo é analisar essa paisagem quanto às suas características morfológicas e simbólicas, tendo como ponto de partida o romance 'Outono de Carne Estranha', de Airton de Souza (2023). Utilizando a lente da geografia cultural, especialmente as contribuições de Denis Cosgrove buscaremos compreender como a literatura pode enriquecer nossa percepção sobre as múltiplas camadas de significado e as representações sociais inscritas nesse espaço e a desvendar as relações entre a natureza, a sociedade e a cultura nesse contexto específico.

Outono de Carne Estranha: Quando o gênero inexistente – a poética vem antes da rigidez

O romance Outono de Carne Estranha, de Airton Souza, lançado em 2023, apresenta um retrato visceral do garimpo de Serra Pelada. O romance é ambientado nos anos 1980, e acompanha as vidas de Zuza e Manel, dois garimpeiros que buscam fortuna e um refúgio da solidão em meio àquela imensa cratera. A relação entre os dois, marcada pelo afeto e pelo desejo, é um dos pontos altos da narrativa, desafiando os tabus de uma época e de um local onde a homossexualidade era perseguida e condenada. A trama conta ainda com o personagem Zacarias, um padre que, diante da miséria e da violência do garimpo, questiona sua fé e se vê dividido entre a devoção e a própria humanidade.

A figura do padre, em constante conflito interior, adiciona uma camada de complexidade à trama e nos convida a refletir sobre o papel da religião diante das desigualdades abissais. Além de mergulhar profundamente na alma humana, revelando a complexidade das emoções e a degradação provocada pela ganância, desenhando um quadro sombrio das relações humanas em meio à busca desenfreada pelo ouro, também nos apresenta a paisagem da região que se manifesta para além de mero pano de fundo a estampar o desenrolar da trama, configurando-se como um personagem vívido e ativo que molda e condiciona as vidas daqueles que ali buscam fortuna. A relação entre os personagens e a paisagem é explorada de forma profunda desvelando ao longo do enredo, as formas e processos tanto morfológicos, quanto simbólicos da paisagem de Serra Pelada.

A obra traz em seu escopo uma linguagem crua e visceral, repleta de diálogos ricos e descrições sensoriais capazes de transportar e submergir o/a leitor/a para o núcleo daquela realidade brutal. A atmosfera opressiva do garimpo, a busca incessante por ouro e a violência que permeia todas as relações é retratada com maestria pelo autor, criando uma experiência de leitura intensa e marcante e cujo gênero nos remete a uma experiência nova.

Falar de gênero em uma narrativa em que ele figura como algo completamente irrelevante, é curiosamente elementar. Em Outono de Carne Estranha, em que a figura feminina mais presente é a avó, munida de uma sexualidade às avessas, o gênero feminino se apaga pela utilidade do corpo da mulher,

que são citadas como fonte de diversão aos homens. Sendo uma narrativa homossexual, a mulher é a antagonista...

Narrativas baseadas em fatos históricos são por vezes intrigantes, se além a uma coletividade sob o prisma individual. Serra Pelada entra para a história do Brasil como uma saga, uma espécie de Canudos em que a terra prometida é o ouro. Quem poderá dizer que por ali, não se instalou um Cangaço? Jagunços não faltaram, coronéis muito menos, e no meio estava o povo sedento de uma promessa messiânica de prosperidade aurífera.

A conotação existencial em obras literárias, nos leva a questionar: o quanto é estranho ser eu? E quais são os elementos do estranhamento que podem ser mais evidentes no roteiro? Na narrativa? Salta aos olhos a paisagem como um ponto de recrudescimento do existencialismo. E quantas Serras Peladas são necessárias para dar conta de Outono de carne estranha? A Inteligência Artificial nos responde que o estilo do romance é complexo e poético, de fato Sousa é extremamente metafórico, característica de poeta escrevendo prosa, pode se dizer. Uma explicação fácil é o emprego da tradição oral e de trechos fragmentados e introspectivos na linguagem.

Em uma mirada rápida é possível comparar o romance de Sousa a inúmeros outros da literatura brasileira e estrangeira, Zuza um dos personagens (protagonista) da história é uma espécie de Diadorim evidente, motivo e razão da paixão de outro garimpeiro - homem cis?

Ao escrever sobre o livro de Sousa, as perguntas são maiores do que as respostas. Há um filme que nos remete a essa reflexão: um escritor norte americano, em crise - como isso é clichê! – está na França para uma temporada e para reencontrar o caminho da escrita de seu último projeto literário, em companhia da sua noiva, pois bem, o tempo inteiro ela tenta explicar o estilo e o interior do livro para um casal com quem visitam lugares históricos, e que o guia, faz parecer que é um especialista em tudo, chegando ao ponto de querer ensinar ao outro, que é escritor, o caminho da escrita e tenta explicar a ele quais são os conflitos do livro. Ops! Como assim?

Outro é capaz de saber mais do que eu que estou construindo a trama? Essa talvez possa vir a ser uma experiência que Airton Souza terá ao explicar sua obra, inclusive a censura a que foi imposta.

Assim é o sentimento de impostor que nos assola ao tentar falar de uma obra literária, tão intensa quanto a narrativa de Sousa, pelo que poderia chamar Foucault, as matrizes normativas de comportamento. Mesmo de posse desse sentimento, acrescentamos: as situações opressivas relacionadas à sexualidade em Serra Pelada podem ser analisadas através das lentes da exploração, violência e desumanização que caracterizaram a corrida do ouro na região amazônica durante a década de 1980. Serra Pelada, conhecida por ser o local de uma das maiores minas de ouro a céu aberto do mundo, tornou-se um lugar de extrema desigualdade social e econômica, onde milhares de homens se aglomeravam na esperança de enriquecer. O ambiente caótico e sem lei fomentou várias formas de exploração, incluindo a dinâmica opressiva em torno de gênero e sexualidade.

Onde há muitos homens as violências se normatizam, se instalando entre as pessoas de forma corriqueira, não somos nós a fazer tal afirmação, não é juízo de valor, são as guerras: “certa vez, uma mulher que havia sido piloto recusou-se a se encontrar comigo. Por telefone, explicou: “Não posso... Não quero lembrar. Passei três anos na guerra. E, nesses três anos, não me senti mulher. Meu organismo perdeu a vida. Eu não menstruava, não tinha quase nenhum desejo feminino” (Aleksievitch, 2016).

A esmagadora maioria da população em Serra Pelada era composta por homens, o que criava um desequilíbrio gritante na dinâmica de gênero. Nesse contexto, as mulheres eram frequentemente reduzidas a objetos sexuais ou prestadoras de serviços sexuais, levando à prostituição desenfreada. A falta de mulheres levou a uma mercantilização dos corpos femininos, onde as mulheres eram vistas principalmente como instrumentos para satisfazer os desejos masculinos (Araujo da Silva, 2021).

E na composição da paisagem masculinizada, o desejo não perde força. A narrativa de Souza convoca o erótico e usa das paisagens para compor cenários de um romance homossexual, e/ou homoafetivo (não houve consenso entre as autorias deste artigo). Dessa forma, o gênero literário e o gênero como categoria histórica de análise são conduzidos com maestria a partir das paisagens de Serra Pelada, seja pela cava que daria liberdade, seja pelo barraco que traduzia não só a privacidade, mas o medo do afeto a céu aberto.

Paisagem e Literatura: uma breve contextualização

A paisagem, enquanto construção complexa, resulta da imbricação de elementos físicos e culturais. Ao contrário da visão geográfica tradicional que, por vezes, tende a ignorar a dimensão simbólica e social do espaço, a paisagem pode ser entendida como um texto a ser decifrado, repleto de camadas de significado que revelam as relações entre o homem e o mundo (Corrêa e Rosendahl, 1998).

Desde os primeiros registros literários no Brasil, a descrição e a simbolização das paisagens estiveram profundamente enraizadas na narrativa literária, refletindo a relação do humano com o ambiente, sua história e sua cultura que remonta aos primórdios imemoriais de seu próprio.

No contexto da literatura brasileira, a paisagem tem sido representada não apenas como cenário, mas também como personagem e, muitas vezes, como um espelho das condições emocionais e psicológicas dos protagonistas. Autores como José de Alencar, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e Jorge Amado, entre outros, exploraram as particularidades geográficas do Brasil, trazendo à tona especificidades regionais e sociais em suas obras.

Na obra *Iracema* (1865), por exemplo, José de Alencar retrata paisagens idílicas do interior do Brasil. Suas descrições da floresta virgem, dos rios e das serras do litoral do estado do Ceará, não apenas constroem uma visão romântica da natureza brasileira, mas também servem para reforçar o espírito nacionalista da época. Para Alencar, a paisagem funcionava como símbolo da pureza e da força do Brasil, frequentemente associada à figura do indígena. Por outro lado, Guimarães Rosa, em *Grande Sertão:*

Veredas (1956), confere à paisagem uma dimensão mais complexa. A paisagem mineira não se limita a ser um pano de fundo; ela se transforma em uma entidade viva, influenciando diretamente o comportamento, os valores e as trajetórias dos personagens. A vastidão do cerrado, com suas veredas e rios, torna-se protagonista, expressando simultaneamente uma realidade árdua e espiritual. A geografia local para Rosa, é uma metáfora dos dilemas existenciais enfrentados por Riobaldo, Diadorim e demais personagens, sendo a relação com a terra visceral e mística.

Por sua vez, Jorge Amado retrata uma paisagem vibrante e colorida nas obras *Gabriela, Cravo e Canela* (1958) e *Capitães da Areia* (1937). O litoral da Bahia, especialmente a cidade de Salvador, ganha vida em suas descrições, nas quais o mar, as dunas e as ruas de pedra servem de palco para complexas interações sociais, marcadas pela miscigenação, pela luta de classes e pela cultura popular. A paisagem, aqui, não é opressiva, mas uma força vital que permeia as experiências dos personagens.

O interesse dos geógrafos pela produção literária como fonte de dados analíticos da paisagem é relativamente recente, situando-se sobretudo após 1970 (Corrêa, 2012). Neste contexto, e para destacar a literatura brasileira e sua geografia, destaca-se o compêndio exposto em “O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas” de Monteiro (2002), que ao explorar a presença da paisagem e outras categorias geográficas nas obras de ficção, estabelece um diálogo frutífero entre Geografia e Literatura. Dessa forma, o pesquisador reconhece e discute a importância das paisagens físicas e culturais do sertão das Gerais em *Corpo de Baile* de Guimarães Rosa (1956) e o determinismo geográfico de uma Rio de Janeiro tropical, bem como a marginalidade social presentes em *O cortiço* de Aluísio de Azevedo (1890).

Em *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, (1938), a paisagem castigada pela seca nordestina é o elemento geográfico mais evidente, que se vai se revelando à medida que a saga da família de retirantes vai sendo contada. No entanto, a narrativa revela as condições de opressão, miséria e resistência enfrentadas pelos personagens, como Fabiano e sua família como frutos da realidade social injusta e desigual, que se constitui em um outro elemento geográfico adicional presente na trama (Monteiro, 2002).

O autor segue esquadrihando ainda *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis (1880); *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto (1915), e *Canaã*, de Graça Aranha (1902), trazendo uma análise relevante e robusta para o campo da Geografia. Ao explorar essas obras-primas da literatura brasileira, o autor demonstra como a literatura pode ser um poderoso instrumento para a compreensão das dinâmicas espaciais, sociais e culturais de um país em transformação.

Neste sentido, a literatura, enquanto palco narrativo, apresenta aos geógrafos um vasto conjunto de dados essenciais para a análise espacial. Ao dar vida a lugares, paisagens e espaços, as narrativas revelam percepções e vivências humanas, estabelecendo uma conexão profunda com o meio ambiente. A leitura detalhada de textos literários permite identificar elementos geográficos, interpretar as interações entre sociedade e natureza e, até mesmo, confirmar aspectos históricos.

Dessa forma, as tramas literárias, ao representar as relações entre o homem e o ambiente natural, revelam a complexidade e as camadas envolvidas na construção da paisagem, tornando-se um valioso recurso para explorar as dimensões sociais e ecológicas de cada cenário (Pinheiro Neto, 2018). O debate sobre a intersecção entre paisagem e literatura brasileira tem sido essencial para compreendê-la não apenas em sua fisicalidade, mas também enquanto componente do imaginário coletivo e das relações sociais dela derivadas.

No contexto contemporâneo, marcado pela degradação ambiental, pelo avanço desenfreado do agronegócio, desmatamento ilegal, queimadas criminosas e mudanças climáticas, a retomada da discussão sobre a paisagem torna-se crucial. O Brasil enfrenta uma série de ameaças ambientais, como a exploração madeireira, a expansão descontrolada das fronteiras agrícolas e a ocupação irregular de áreas de preservação. A prática do garimpo ilegal na Amazônia, que avança sobre territórios protegidos, também coloca em risco a biodiversidade e a sobrevivência dos povos indígenas. A contaminação dos rios por mercúrio, o desmatamento em grande escala e a fragmentação dos habitats são consequências diretas dessa exploração.

Na obra *Outono de Carne Estranha*, de Airton de Souza, a paisagem da Serra Pelada é representada de forma visceral, a partir da perspectiva dos personagens Manel, Zuza e Zacarias, cuja vivência no garimpo revela as cicatrizes profundas deixadas pela exploração mineral. A narrativa nos convida a refletir sobre o espaço que habitamos e como a exploração descontrolada transforma não só a terra, mas também as vidas daqueles que dela dependem. Em tempos de crescentes ameaças ambientais, essa análise é vital para que possamos entender e, quem sabe, mitigar os danos causados ao nosso patrimônio natural e às comunidades afetadas, com vistas a uma reparação parcial dos impactos.

Retratos físicos e simbólicos da paisagem cultural de Serra Pelada

Considerando os aspectos físicos (geologia, solos, clima, vegetação, relevo e hidrografia) da paisagem local do garimpo de Serra Pelada retratados na obra “*Outono de Carne Estranha*”, o destaque inicial é para a geologia que protagoniza a narrativa do começo ao fim, não apenas através da busca incessante pelo ouro ou de sua presença física, mas também de todo o conjunto do arcabouço das rochas que hospedam esse metal precioso. Os veios auríferos de origem hidrotermal ocorrem embutidos nas rochas alteradas ou mesmo sãs de siltitos, brechas manganésíferas e especialmente argilitos (Costa, 1996). Essas rochas, enquanto elementos da paisagem, participam ativamente na trama como um personagem e não meramente cenário. Ao esconderem em seus corpos o tão desejado ouro, se materializam como o obstáculo entre os garimpeiros e o sonho dourado.

Enquanto resistem às truculentas investidas de picaretas e enxadecos, assistem o persistente embrutecer de uma leva de corpos ensandecidos que contra elas se arremessam, até a rendição quando são fragmentadas, desmontadas, pulverizadas, removidas em sacos de estopa, lavadas em mercúrio,

lixiviadas de eventuais componentes auríferos e por fim transformadas em rejeito, seguindo-se o descarte. Durante o processo de desmantelamento dessas rochas para prospecção do ouro, os corpos rochosos se misturam aos corpos dos homens, impregnando-os de melechete, dissolvendo os limites entre carne e pedra, a estampar indissociáveis à paisagem.

“Olhando de cima do precipício para os desenhos quadrados que formavam cada barranco, era como se os garimpeiros tivessem brotado ali mesmo. Pelas minúsculas sombras de cada um, era possível perceber o quanto a carne e o melechete converteram paisagens e homens em pequenos rostos diluviados pela clemência dos peixes. Era como se o chão e os paredões de terra tivessem parido aquelas carnes de uma hora para outra” (Souza 2023, p. 36)

O ouro (Au) elemento químico, metal precioso, mineral e minério, em Serra Pelada é muito mais do que um simples recurso mineral. Simboliza a riqueza, poder, ascensão social, promessa de uma vida melhor, mas também ganância e corrupção, tudo isso muito bem ilustrado no romance em foco. Um mesmo elemento carregado de tantos significados como é de sua natureza desde os primórdios da humanidade aparece nessa paisagem como força motriz dos movimentos físicos, políticos, sociais, econômicos, psicológicos e emocionais. Ao ser analisado sob a ótica de Cosgrove (1998), moldou ativamente com seu simbolismo a paisagem cultural da região de maneira profunda e complexa.

A geologia local divide seu protagonismo com a topografia que começa a se revelar desde a toponímia local. O nome Serra Pelada faz referência ao morro que, diferentemente de seu entorno, cercado por floresta tropical densa, era desprovido de vegetação em seu topo, devido ao revestimento por crostas lateríticas ferruginosas, o que impede a instalação de floresta.

Ao longo da trama, acompanhamos o processo de nivelamento e posterior arrasamento dessa topografia, onde o morro de cerca de 150 metros de altitude, é desmantelado e removido às custas de picaretas, enxadecos e pás que empunhados escavam incessantes, dia após dia o despenhadeiro que engole a todos, enterrando sonhos e soterrando corpos. Como declara Manel:

A cava era uma engolidora de sonhos. A serra, antes sólida, imponente, coroada por crostas lateríticas é transformada em um buraco de lama e fragmentos de rochas soltas, refletindo o arrasamento causado pela atividade garimpeira. “O que antes era uma montanha, enchia agora o horizonte de vazio e crueldade. Aos poucos, a cava conseguia facilmente dar aos garimpeiros uma visão da linguagem do chão sem ternura (Souza, 2023, p. 36).

É com essa conotação que a cava aparece ao longo de toda a narrativa, sendo geralmente descrita pelas lentes do trio de protagonistas (Manel, Zuza e Zacarias) em associação com sentimentos de raiva, amargura, desesperança e principalmente medos. O medo que se materializa nos constantes e sucessivos desmoronamentos dos barrancos de terra e o medo da cava inundar-se e afogar de vez a esperança dos bambúrrios. Percebe-se aqui uma ambivalência que transcende a materialidade da cava e adquire um

caráter simbólico profundo. É nesse contexto que Cosgrove (1998), enfatiza a paisagem como um agente ativo que ao ser moldada para atender as necessidades antrópicas, por sua vez, também é moldante de suas ações e percepções.

O clima de Serra Pelada, do tipo equatorial, caracteriza-se por precipitações torrenciais e altas temperaturas. Esses elementos climáticos são constantemente mencionados ao longo do romance, especialmente as chuvas que aparecem açoitando as palhas e lonas que recobrem entremeadas de goteiras, os barracos dos garimpeiros. Aos episódios de chuvas no local sucede o emprego do substantivo lama e seus derivados lamacento, lameiro, lamaçal, evidenciando a ocorrência de processos erosivos decorrentes da exposição de solos desprovidos de vegetação. O clima, nesse contexto, atua como um fator agressor, pois agrava as condições de trabalho dos garimpeiros e através das chuvas, alimenta um dos maiores temores do protagonista Manel que consiste no alagamento da cava e decorrente fechamento do garimpo.

A Amazônia, palco da narrativa, é dominada por vastas florestas. No entanto, o cenário de Serra Pelada apresenta uma realidade contrastante, marcada pela ausência de vegetação. As metáforas do personagem Manel, ao descrever a Serra Pelada como uma “floresta só de terra” e uma “terra sem flores”, revelam não apenas a devastação física do ambiente, mas também a perda da vida e da beleza natural. A remoção premeditada da cobertura vegetal, etapa inicial da exploração garimpeira, desencadeou um processo de degradação ambiental, com consequências como erosão, deslizamentos de terra e assoreamento dos cursos hídricos.

A presença de uma mangueira e um abacateiro que foram plantados nos arredores do barraco de Zuza, embora representando um esforço para trazer um pouco de verde ao local, sublinha o caráter artificial e antrópico do espaço. Essa oposição entre a natureza exuberante e a paisagem transformada pelo homem ressalta o impacto da atividade garimpeira e a busca desenfreada por recursos minerais.

A hidrografia ou mesmo o elemento água em sentido mais amplo, por sua vez, desempenha um papel polissêmico na narrativa de Airton Souza, sendo referida na dimensão física, onírica e memorial. No campo físico a água circulante em Serra Pelada, assume um caráter antagonista na percepção dos personagens, em especial de Manel, quer seja através das precipitações (elemento climático), quer seja no campo da hidrogeologia, como lençóis freáticos aflorantes. De todo modo, aludem ao iminente alagamento da cava, acomodando temores. Temores estes que também se manifestam no campo onírico. A cava, que atualmente é um lago a espelhar os céus do antigo garimpo, já assombrava os sonhos premonitórios de Manel:

[...] enquanto dormia, teve um pesadelo. Sonhou que a cava havia se transformado em uma coisa estranha. Em vez da imensa cratera formada por barrancos e paredes repletos de adeus-mamãe, tudo agora parecia estar de um jeito que não dava mais para os garimpeiros descerem. O buraco inundara da noite para o dia” (pag. 15); “...insanamente, correu de barraco em barraco, à procura de um escafandro, pois

achou que aquilo era o sinal de que um rastro de água alargaria a cava, formando um atlântico. Em meio ao pesadelo, acordou exausto [...] (Souza, 2023, p. 141).

Ainda no campo físico, a água é o palco da dança frenética das batéias; misturada com açúcar se torna instrumento de tortura para os corpos infratores; em solução com mercúrio ou com lama, escoase para os cursos d'água (rios, córregos, etc.) da região, cuja fluidez, de modo proposital ou não, foi omitida do cenário físico, configurando-se talvez, em uma tentativa de negação da experiência estética e simbólica que os rios em seu estado natural, oferecem ao imaginário do leitor. Assim, nos contextos mencionados, em que a água se apresenta como uma metáfora perfeita para o drama humano e ambiental exposto.

Por outro lado, o lado da memória, a recorrência de rios na narrativa, desde as primeiras páginas, até as finais, confere-lhes um papel importante na construção da trama. A quantidade de rios mencionados é notável: Mearim, Sereno, Araguaia, Parauapebas, Tocantins, Itacaiúnas e Vermelho, todos pertencentes à bacia Tocantins-Araguaia, emergem das lembranças dos personagens, em especial de Manel. “O suor descendo de seus cabelos e molhando boa parte do corpo parecia querer, a qualquer custo, reviver as margens, embora minúsculas, do rio Sereno no meio dos peitos dele” (Souza, 2023, p. 11); “No sonho dele de bamburrar estava o desejo de comprar uma casa na beira do rio Mearim” (Idem, p. 62).

O rio Mearim por exemplo, citado em dezesseis ocasiões, e o rio Sereno, em sete, destacam-se como eixos da memória, contrapondo-se ao ambiente lamacento do garimpo onde melechete, saliva, sêmen e suor completam a representação desse cenário viscoso que conjuntamente pode funcionar também como uma alegoria para a umidade presente nesta região.

O papel desses cursos fluviais não se restringe apenas a demarcar as paisagens físicas de onde originam-se os personagens, mas também fluem pelos meandros da memória desses homens, resgatando vivências passadas, onde alicerçam a resistência em meio a dura realidade do garimpo.

Os rios, tradicionalmente associados aos ciclos da natureza e à vida, simbolizam renovação, purificação e até conexão com o sagrado. A presença constante desses elementos nas memórias dos personagens sugere uma busca por uma espiritualidade e/ou humanidade perdida, contraposta à visão materialista e desumanizada imposta pelo ambiente do garimpo e figurada especialmente no padre Zacarias que ao renunciar a batina e descer à cava, rompe simbolicamente o elo com o divino e com o humano. A ausência dos rios na paisagem ficcional de Serra Pelada reforça essa dicotomia, evidenciando a ruptura com a natureza e com o sagrado e reforçando a ideia de perda e sofrimento.

Das paisagens topocídicas aos outonos de carne estranha

Sufocante!

Essa é a sensação ao imaginar quaisquer cenas, cenários, descrições e narrativas sobre Serra Pelada. Reafirmando os dados do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), atual Agência Nacional de Mineração (ANM), estima-se que cerca de 100 mil pessoas trabalharam para retirar 42 (quarenta e duas) toneladas de minério ao longo da década de 1980 e início da década de 1990 em Serra Pelada. Esse índice populacional pode ser sufocante para uma cidade e suas aglomerações, posto isso, é impressionante imaginar o espaço de Serra Pelada sob as marcações do dado supracitado.

Outra perspectiva que pode nos tirar o fôlego é, justamente, pensar como as diversas paisagens foram, arrasadoramente, “dispostas”. Do ponto de vista científico, um conceito salta as nossas análises ao pensar tanto esse imaginário social sobre Serra Pelada, quanto acompanhar as descrições de Souza no seu romance.

O conceito de Topofobia é uma interface acentuada na narrativa de Outono de Carne Estranha. Para Tuan (1983) topofobia é a aversão ou repulsa a um determinado lugar, paisagem ou região, isto é, o espaço que provoca repulsa. Ainda para o autor, topofobia deriva e decorre o sentido de topocídio, que por sua vez, significa a morte, aniquilamento deliberado de lugares. No caso de Serra Pelada, o conceito de topocídio está nos marcadores da escrita de Airton Souza (2023).

Outros conceitos se entrelaçam no que se concebe ao topocídio como processo voraz e específico à Serra pelada. Nas narrativas do romance, noções de paisagem visível e paisagem vivida auxiliam uma narrativa sobre a paisagem como espaço estranho, desolador e por vezes, aterrorizante como será possível vislumbrar em alguns trechos a seguir. Antes, trataremos do conceito de topocídio na tentativa de nos aproximar das reações sobre o que foi narrado por Souza (2023) sobre a transformação de Serra Pelada.

O conceito de topocídio se refere à destruição física e cultural dos espaços. Isso significa por vezes, transformar abruptamente suas características originais e promover um senso de desenraizamento, desvalorização e não pertencimento. Esse conceito nos ajuda a compreender as complexas relações emocionais e culturais que os seres humanos estabelecem com o ambiente (Da Fonseca e Ferreira, 2023).

Importante frisar que Serra Pelada, antes de ser um espaço de intensa cobiça do ouro, era uma fazenda, um lar, portanto, um lugar. Ao resgatarmos essa primeira construção espacial, recorreremos à Porteous (1988) que expande nossa compreensão ao afirmar como a depredação e, até mesmo, a extinção de lugares causada pela supressão do significado cultural de uma paisagem por uma sociedade. Logo, o significado de topocídio reflete as modificações dos lugares, das paisagens, e suas alterações em porções consideráveis.

Alguns trechos do romance nos remetem não só as paisagens destruídas de Serra Pelada, mas também do sentimento que os personagens sentem numa relação quase simbiótica com esse espaço. Há também uma atração desmedida, que não pode ser reduzida ao fascínio pelo ouro, ou pela riqueza imediata (bamburro). Essa atração está em uma esperança de vencer o próprio espaço desolador. Em entender a paisagem como um algoz a ser abatido, desfigurado, ou de alguma forma, “punido”, podemos expandir essa afirmação a partir de vários fragmentos construídos por Souza (2023) a seguir.

[...] lá fora uma camada fina de neblina cobria os casebres de Serra Pelada, aumentando o cheiro da solidão (p. 12). [...] lá fora uma camada fina de neblina cobria os casebres de Serra Pelada, aumentando o cheiro da solidão (p.18). Com isso, o cheiro de terra molhada e o gosto insalubre do melechete de Serra Pelada se alojaram na garganta dele. Mantendo a boca aberta, ele começou a engolir o ar que vinha do terreiro enlameado. Da janela, pensou que seria mais fácil inventar todas as clemências de deus do que um dia voltar a descer as escadas adeus-mamãe (p.30). Os garimpeiros, antes de chegarem a Serra Pelada, construíram a mesma imagem daquele lugar dentro de si. Nenhum deles, quando pisava nos primeiros centímetros de chão do garimpo, levava consigo qualquer tipo de remorso ou infelicidade (p. 35).

Na figura 3, numa escala possível, pode-se observar que as “porções de paisagens” de Serra Pelada podem (sob o espectro da literatura de Aírton Souza) ser lidas apenas sob uma escala veloz de transformações. O processo de topocídio é consolidado a partir de um “mapeamento” da venda de cavas como um loteamento, que ao contrário de produzir uma harmonia com o espaço, constrói uma cartografia de fissuras, buracos, desfiladeiros e também de desabamentos.

Figura 3: Vista Panorâmica de Serra Pelada com crivo nos barrancos



Fonte: Blog Processos Minerais. S/d

Aproveitando a dimensão espacial que a imagem nos fornece, há horizontes expressivos de sentidos topocídicos a serem interpretados na literatura de Souza (2023). As palavras barrancos, cavas, deslizos, desmoronamentos, buracos, poeiras vão integrando as leitoras e leitores a um espaço de contínua destruição. A poética que envolve a narrativa leva a entender que há uma condenação para esses que esses “destruidores” do espaço, ou, minimamente um castigo, uma sentença, um destino.

Por alguns segundos, o barulho continuou zunindo nos ouvidos dos garimpeiros próximos ao desmoronamento. A poeira levantou tão alta que deixou praticamente invisíveis as adeus-mamãe e os barrancos próximos ao desabamento. [...] Assustados, os que estavam nas escadas apressaram os passos. Subindo ou descendo, o objetivo era chegar à terra firme o quanto antes. A maioria dos que estavam dentro da cava caminhou, de maneira apressada, na direção do desmoronamento. Os rostos em brasa. Escurecidos pelo melechete ressecado. As pupilas menos alvas, quase avermelhadas. Demiurgos. Desorientada, uma parte dos garimpeiros aproveitou para passar as mãos pelo corpo encharcado de suor, tentando, rapidamente, enxugá-lo. Os cabelos redesenhados por nuvens de fuligens (Souza, 2023, p. 116).

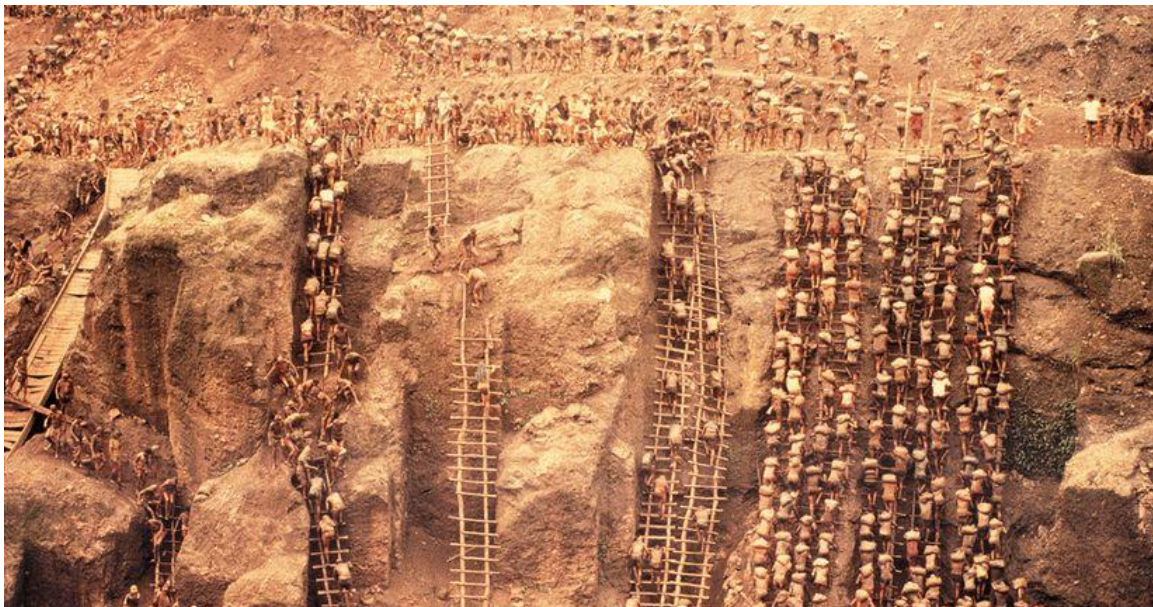
Outra forma de imersão nas paisagens de Serra Pelada, compreendendo o topocídio a partir das narrativas de Souza (2023) é a reflexão que o autor nos proporciona ao imaginar a paisagem composta pelas “adeus-mamãe”. Para as pessoas não familiarizadas com o cenário de um garimpo – aliás, é preciso que se diga que não são todos os garimpos que a cava tenha se dado por uma forma braçal e artesanal como em Serra Pelada – as adeus-mamães são/eram as escadas que os trabalhadores usavam para subir e descer dos barrancos, e eram assim chamadas por causa do alto risco que apresentavam, tanto por serem confeccionadas de maneira artesanal, sem quaisquer ciência ou teste, como por se debruçarem entre os barrancos, ligando diversas superfícies e desníveis, ao mesmo tempo que atesta a vulnerabilidade espacial de pessoas e paisagem. A seguir, trataremos alguns trechos da obra de Souza (2023) em que o autor traduz a paisagem a partir das escadas adeus-mamãe:

Às vezes, sentia-se praticamente pregado em um dos degraus das adeus-mamãe nas quais costumava subir ou descer para a cava todos os dias (p.15). [...] Eles pareciam voar em direção às escadas adeus-mamãe dentro do despenhadeiro de Serra Pelada (p. 18). [...] Em vez da imensa cratera formada por barrancos e paredões repletos de adeus-mamãe, tudo agora parecia estar de um jeito que não dava mais para os garimpeiros descerem. O buraco inundara da noite para o dia. As escadas adeus-mamãe eram para sempre algo inócuo. Tomadas por minúsculos pés de quebra-pedras, quase florando, rodeadas de comigo-ninguém-pode e pés de melão-de-são-caetano. (p. 19). [...] Dentro do abismo, com os pés atolados no melechete, ou mesmo subindo as adeus-mamãe, é que os garimpeiros, fosse qual fosse a sua crença, sentiam na boca as silhuetas irrevogáveis do abandono de deus (p. 37). [...] O chiado do arrastar dos pés no chão. O barulho das picaretas revirando a terra. Os sacos de cascalhos sendo jogados por cima das cabeças dos formigas. O rangido dos degraus das adeus-mamãe (p. 61). [...] A picareta entrando na terra o fez imaginar as adeus-mamãe despregadas dos paredões e boiando (p. 75). Ao sinal dele, um dos bate-paus assentiu e ordenou que os nove corpos fossem amarrados cada um em uma escada adeus-mamãe. Duas escadas estavam retorcidas. Imbatizáveis. Por volta de seis horas da tarde, os corpos

foram içados. O barulho das escadas sendo puxadas misturou-se com o chilreio das cigarras invisivelmente espalhadas por pequenos arbustos. Vendo os corpos serem puxados de dentro da falésia, Manel sentiu o forte fedor dos manguezais que vem, de vez em quando, às margens do rio Mearim (p. 123).

Os trechos organizados acima refletem como essa paisagem topocídica não é resultante apenas de intervenções desastrosas de garimpagem, e aqui não se busca minimizar os efeitos da mineração em larga, média ou pequena escala, o que se coloca como possibilidade, quiçá uma premissa é de que os objetivos de enriquecimento mediados pela escassez e/ou pobreza extrema, colocam o espaço como alçóquio do próprio homem. E todo alçóquio precisa ser combatido, dizimado ou eliminado. As adeus-mamãe são a um só tempo, ferramentas e também reflexo desse confronto.

Figura 4: Escadas adeus-mamãe utilizadas em Serra Pelada



Fonte: Câmara do Deputados (Reprise). Ano: 2022

A Figura 4 evidencia como as adeus-mamãe são composições emblemáticas das paisagens de Serra Pelada e na imagem fica evidente como são ferramentas que possibilitam as mobilizações e movimentos no espaço. Adaptam-se as fissuras, desníveis e elevações e de alguma maneira, pesos e quantidade variados de homens adjetivados e, portanto, chamados de formigas. Toda essa “resiliência” das adeus-mamãe refletem uma pequena vitória do homem sobre a natureza, ainda que ilusória, tendo em vista os desmoronamentos, e com “armas” cujas finalidades não podem ser expandidas: “As escadas adeus-mamãe eram para sempre algo inócuo”.

Uma outra forma de observar a paisagem é a composição pelos “formigas”. Serra Pelada ficou também conhecida por ser uma espécie de Formigueiro Humano, principalmente depois que as imagens do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado em 1986 tornaram públicas as condições espaciais do garimpo

de Serra Pelada. Os formigas evidenciavam também as condições sociais, frisa-se que Serra Pelada foi um espaço de exploração de pessoas pobres - e há estudos que apontam que a maioria também eram pretas – que não só não tiveram o sonho do bamburro realizado, como foram apagadas da possibilidade de mitigações.

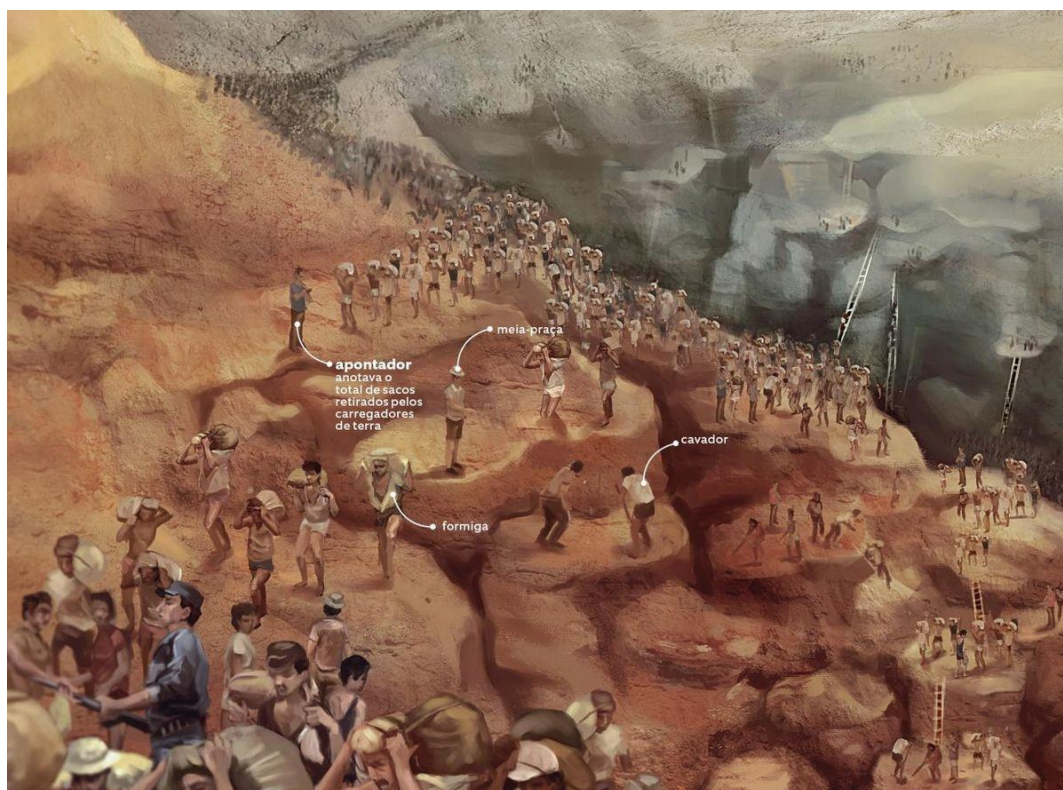
Parte dos formigas morreu soterrada, outra parte morreu posteriormente com as consequências químicas que eram necessárias para extração do ouro, com o cotidiano dos corpos cobertos por melechetes, e a grande maioria retornou para seus lugares de origem, ou foram para outros garimpos, mas permaneceram nas condições de precariedade e pobreza que é o que instiga os migrantes a se movimentarem em sua esmagadora maioria.

Nesse trecho do livro o autor usa Zuza como personagem que expõe o exposto, logo entendemos os formigas na hierarquia do garimpo, ao mesmo tempo em que compreendemos os sonhos modestos de quem experimenta a escassez: “lembrou que fazia uma semana que seu macho havia deixado de ser formiga para virar meia-praça, o que o deixaria ainda mais perto da palavra bamburro e do sonho de comprar para ele, de presente, uma monark barra circular com garupa” (Souza, 2023, p. 34).

Outro aspecto relacionado aos formigas no livro, é que mesmo uma composição fixa da paisagem do Garimpo de Serra Pelada, esses homens é descartáveis. E haviam várias formas de descarte, uma vez que, do ponto de vista de classe, eram os subalternos, os menores, menos importantes, paradoxalmente ao que ocorria no cotidiano do garimpo, que sem o trabalho de carregar os resíduos a possibilidade de extração não seria viável, logo, imprescindível para garimpar e ordenar quem tinha vantagens de poder sobre Serra Pelada (Figura 5). Das formas de descarte na obra aparece, a morte pelos desmoraamentos, os adoecimentos pela malária, ou intoxicação via melechete, a migração via desilusão, o endividamento, as punições do Marechal (presença do estado militar no garimpo).

Esse descarte está intimamente ligado ao que Souza traduz o sentido de Outono de Carne Estranha. As paisagens topocídicas são de fato a característica que saltam quando imaginamos Serra Pelada, mas na obra é possível coexistir com uma paisagem poética e erótica, como que estivesse nos convocando a humanizar o garimpo, a voltar para o centro das coisas que importam, as relações humanas, e não apenas a extração violenta do ouro como definidora das relações sociais. O tom da carne, do outono, do melechete parecem coincidir com o tom do desejo, do entre vida. A Figura 6 é uma tentativa de trazer o tom que Souza nos provoca a pensar no significado de Outono de Carne Estranha. A imagem reflete o encontro desses tons para as autoras desse artigo.

Figura 5: Divisão do trabalho por hierarquia em Serra Pelada



Fonte: <https://super.abril.com.br>

Figura 6: Imagem de uma fotografia usando o tom carmim em Serra Pelada



Fonte: Blog Processos Minerais. S/d

A devastação humana presente no garimpo de Serra Pelada, a morte fácil e injusta, as condições degradantes de trabalho, a submissão ao Estado autoritário, a possibilidade do afeto e do desejo apenas na forma clandestina, a quase completa ausência de imaginar outras paisagens que não a do garimpo ou dos lugares de origem fazem do título do livro uma sentença “é provável que este ano tenhamos outro outono de carne estranha” (Souza, p. 104.). Ao passo que o garimpo, ainda que haja hierarquias de classe, desejos diferentes (pelas putas, pelas esposas tão distantes, pelo seu macho), pensamentos diversos de esperança/desesperança, bamburro, de fuga, o melechete os equaliza tornando o topocídio de Serra pelada, nessa dimensão espacial poética, mas dura, seca e também atraente. Visceral e humana. “O melechete tem dessas coisas: deixa as carnes dos corpos dos garimpeiros iguaizinhas”

Considerações Finais

A devastação ambiental e social causada pelo garimpo ilegal, tanto no passado quanto no presente, é um tema que ressurge com força na literatura brasileira contemporânea, na obra *Outono de Carne Estranha* de Airton de Souza. Nesse romance, a Serra Pelada, cenário histórico de exploração desenfreada, é retratada como uma paisagem violentada pela ambição humana, onde a natureza e as pessoas se tornam vítimas do garimpo. A destruição da floresta, a exaustão da terra e a desestruturação das comunidades locais são expressões literárias da realidade brutal imposta pela mineração.

Essa devastação, retratada na obra, dialoga diretamente com o que ocorre atualmente na Amazônia, onde os garimpos ilegais avançam ferozmente sobre territórios indígenas, desmatando florestas e poluindo rios. A violência contra o meio ambiente e contra os povos originários se repete, agora impulsionada pelo ouro e outros minerais cobiçados no mercado global. Assim como em *Outono de Carne Estranha*, o impacto das ações humanas sobre a paisagem amazônica é irreversível, deixando cicatrizes profundas na terra e nas culturas tradicionais. A literatura, ao revelar esses processos destrutivos, nos convida a refletir sobre os erros do passado que continuam a ecoar no presente e sobre a urgência de uma ação mais consciente para a preservação do meio ambiente e das comunidades indígenas.

A reflexão proposta pela literatura através da paisagem nos permite desvelar, para além da análise científica e enrijecida, que os topocídios são resultantes da interação desastrosa do homem com a natureza, mas ela se torna ainda mais voraz quando mediada pela ilusão do lucro, da riqueza pela riqueza, do sonho de “bamburrar” para atacar com muitos golpes a pobreza. A morte das paisagens naturais e simbólicas em *Outono de Carne Estranha* são também mediadas, paradoxalmente, pelas paisagens dos sonhos, pelo afeto que colore a topofobia das paisagens e cinzas.

Importante não aprisionar a literatura produzida por Airton Souza em uma geografia regional, tampouco em um ou três tipos de paisagens. Primeiro porque é uma literatura que rompe com alguns

paradigmas de gênero literário, frisa-se que não sem ônus, e subsequente a isso podemos elencar que cada leitura pode e deverá observar muito mais paisagens, espacialidades, quicá outras categorias geográficas que não foram mote de análise nesse artigo. Por fim, queremos reafirmar o impacto que a leitura nos propiciou, desde a primeira página, até a metodologia das discussões em grupo que culminaram nesses escritos. Escrever sobre paisagem é sempre um prazer e um desafio, mas a mediação pela literatura não apenas deixou o trabalho mais aprazível, como foi possível fazer desse “metiê” um prazer.

Referências

- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. Trad. Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- SILVA, T. S. A. **Áureo carmesim: conflitos e disputas pela exploração de ouro em Serra Pelada**. *Secuencia* (109), enero-abril, 2021. e1756. doi: <https://doi.org/10.18234/secuencia.v0i109.1756>
- COSTA, M. L. **Minerais, rochas e minérios - riquezas minerais do Pará**. Belém: **Falangola**, 309 p. 1996.
- CORRÊA R. L., Z. ROSENDAHL. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.
- CORRÊA R. L. Paisagem e Geografia. In: NEGREIROS, C, ALVES, I., LEMOS, M. (orgs). **Literatura e Paisagem em Dialogo**. Rio de Janeiro. Ed. Makunaíma. 255p. 2012.
- COSGROVE, D. **Social formation and symbolic landscape**. Madison: University of Winsconsin Press. 332p. 1998.
- DA FONSECA, N. K. G., & FERREIRA, I. M. **Uns Percepção das paisagens do cerrado - topofilia, topocídio e topo-reabilitação das paisagens nos povoados/comunidades de Olhos D’água e Pedra Branca em Catalão (GO) . Observatório de La Economía Latinoamericana**, 21(7), 7164–7180, 2023. <https://doi.org/10.55905/oelv21n7-073>
- IBRAM. Serra Pelada foi o maior garimpo a céu aberto nos anos 80. **IBRAM – Mineração do Brasil**, 25 jul. 2010. Disponível em: <https://ibram.org.br/noticia/serra-pelada-foi-o-maior-garimpo-a-ceu-aberto-nos-anos-80/>. Acesso em 20 de outubro de 2024.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.
- PINHEIRO NETO, J. E. Geografia e Literatura: tramas romanescas para objeto de estudo para a paisagem. **Geografia, Literatura e Arte**, v.1, n.2, p. 133-1712. 2018
- PORTEOUS, D. J. **Topocide: the annihilation of place**. In EYELES, J., & SMITH, D. (Orgs.) **Qualitative Methods in Geography**. Cambridge, EUA: Polity Press, 1998.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia – um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.
- SOUZA, Airton. **Outono de Carne Estranha**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2023.